

Sumário da pesquisa Cultural Skills

Análise de carências de mão de obra e de capacitação na área de cultura do Brasil

Autor: J Leiva Cultura e Esporte



As características culturais do Brasil representam uma imensa oportunidade de desenvolver suas indústrias criativas e, com elas, elevar o valor agregado do setor de serviços e segmentos do setor industrial. Mas, para isso, é fundamental contarmos com um projeto pró-ativo que envolva agências de governo, setor privado, empresários dos mais diferentes setores, economistas e representantes dos setores criativos e culturais.¹



Sobre este relatório

Este relatório foi criado a pedido da equipe de Cultural Skills do British Council com o propósito de avaliar a eventuais carências de mão de obra e as principais demandas na área de capacitação dos profissionais do setor cultural no Brasil, particularmente nas áreas de artes cênicas, artes visuais e música. A pesquisa foi realizada em cinco etapas, de dezembro de 2015 a junho de 2016: revisão bibliográfica; entrevistas (presenciais e por telefone) com mais de 100 representantes do setor; questionário on-line, preenchido por mais de 100 pessoas; realização de quatro grupos focais; e levantamento de informações sobre os cursos na área cultural oferecidos no Brasil. As entrevistas foram feitas nas cidades de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Manaus, Porto Alegre e Brasília.

As informações aqui reunidas têm o objetivo de fornecer uma base sólida para o desenvolvimento de programas e produtos alinhados aos desafios identificados neste relatório. Isso também inclui a sugestão de parceiros públicos e privados capazes de criar e implementar ações em conjunto com o British Council.

É importante ressaltar que o trabalho que resultou neste relatório envolveu limitações e incertezas que vão além de nossa capacidade de controlar ou avaliar com precisão. Assim, a pesquisa teve o intuito de fornecer ideias ilustrativas e informativas sobre demandas de mão de obra e capacitação, mas não de ser um mapeamento completo e abrangente do setor cultural do país como um todo. Tanto os autores como o British Council não assumem quaisquer garantias de exatidão, completude ou utilização dos resultados. Cabe aos leitores avaliar a relevância do conteúdo da pesquisa.

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer à equipe de apoio do British Council no Reino Unido e no Brasil pelas orientações, pelas sugestões e pelos contatos fornecidos, que foram essenciais para que um trabalho de tamanha proporção fosse realizado em tão curto tempo. A equipe do British Council Cultural Skills também é imensamente grata a todos os parceiros e profissionais externos, que generosamente cederam seu tempo para conversar, incluindo as mais de 200 pessoas que gentilmente preencheram a sondagem on-line. A contribuição de vocês foi inestimável para a redação deste relatório.

¹ Goldstein, L. (2010) 'Economia Criativa'. Disponível em https://catracalivre.com.br/wp-content/uploads/2010/07/ECONOMIA_CRIATIVA_LIDIA_GOLDENSTEIN.pdf

Prefácio

© Megan Dancey



Dos museus à música, da moda ao cinema, as habilidades técnicas que sustentam o processo artístico são

vitais para o desenvolvimento de um setor cultural próspero em todo o mundo. As habilidades variam de especialização à liderança e gestão; desenvolvimento de políticas e qualificação, ao engajamento dos jovens e qualificação em inglês.

A equipe Cultural Skills fortalece as relações culturais entre o Reino Unido e o restante do mundo através do compartilhamento de conhecimentos e de desenvolvimento mútuo. Junto a parceiros britânicos e internacionais, construímos programas de habilidades técnicas sustentáveis para o desenvolvimento de profissionais e instituições em todo o Reino Unido e internacionalmente, apoiando os benefícios – artísticos, sociais e econômicos – de um segmento cultural próspero e dinâmico.

Nos últimos quatro anos, o ousado programa Transform, liderado pela equipe do British Council Brasil, teve a área de formação e capacitação como uma de suas prioridades e o trabalho da equipe Cultural Skills vem para complementar o seu legado. O compromisso de longo prazo da equipe em continuar trabalhando no Brasil, tanto na construção de programas piloto e no desenvolvimento de novos programas em resposta a esta pesquisa – apoiará o legado do programa Transform e atuará no apoio desta área no Brasil, ajudando a criar um segmento cultural mais sólido e próspero.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Simon T Dancey'.

Simon T Dancey
Diretor, Cultural Skills team

Prefácio

© Rodrigo Oliveira



Um elemento fundamental para que os negócios criativos e o setor cultural ampliem sua participação na economia brasileira é a

ação integrada de entidades com papéis diferentes e complementares na criação de um ambiente favorável para atuação de empreendedores e profissionais. No que concerne, especificamente, ao setor cultural, um dos desafios enfrentados é dispor de dados para identificar áreas de especialização e áreas de melhoria e traduzi-los em informações que possam orientar aqueles que desejam empreender no desenvolvimento desse setor ou que nele já atuem profissionalmente. O trabalho de pesquisa empreendido pela Cultural Skills – British Council preenche uma importante lacuna da esfera cultural brasileira ao realizar uma pesquisa de campo para diagnosticar competências que estão em falta entre profissionais e jovens, as quais, uma vez desenvolvidas,

poderão resultar em um aumento do sucesso desses negócios. Portanto, este relatório é relevante para futuros profissionais, empreendedores, entidades e órgãos, enfim, para todos que atuam, acreditam e têm como missão contribuir para que o setor cultural brasileiro efetive seu potencial econômico e humano.



Ana Clévia Guerreiro
Gerente Adjunta – Sebrae

Contribui na definição das estratégias para a atuação do Sistema Sebrae e articula parcerias e alianças estratégicas para o fortalecimento dos pequenos negócios em diversos, incluindo os negócios criativos (audiovisual, comunicação, design, música e games).

Introdução e contextualização

O Brasil está passando por grandes desafios, tanto política quanto economicamente. Além de questões internacionais, tais como os baixos preços do petróleo e a desaceleração econômica na China, o país também está tentando lidar com a revelação da corrupção generalizada envolvendo alguns dos empresários mais ricos e dos políticos mais poderosos do Brasil; um déficit fiscal crescente, que compromete a credibilidade do país no mercado financeiro; e o confronto político entre os principais partidos.

Após um período de constante aumento nas verbas públicas destinadas à cultura, entre 2003 e 2013, o atual contexto político e econômico promove um impacto significativo no setor. Os aportes federais, estaduais e municipais tiveram queda aguda, e os investimentos privados (principalmente pela lei nacional de incentivo, a Rouanet) também diminuíram.

Apesar da crise e do seu impacto nas verbas do setor cultural, a maioria dos entrevistados na pesquisa acredita que a área vai crescer após esse período de turbulência, em termos de produção artística e de engajamento do público. Isso significa que, para eles, os avanços obtidos nas três últimas décadas tornaram o setor mais resiliente – uma conquista também possibilitada pela redemocratização, no final dos anos 1980, pela estabilidade econômica do final dos 1990 e pelo crescimento do país nos últimos 15 anos, bem como pela melhoria contínua na distribuição de renda e no acesso à educação básica.

Esse progresso das três últimas décadas foi caracterizado por fatores como forte institucionalização (muitas secretarias municipais foram criadas, o Plano Nacional de Cultura e o Sistema Nacional de Cultura foram implantados); desenvolvimento de indicadores para tentar mensurar o valor econômico da cultura; aumento nos investimentos públicos e privados (a despeito das quedas recentes); acesso mais disseminado à produção artística; e diversificação dos parceiros e da produção cultural.

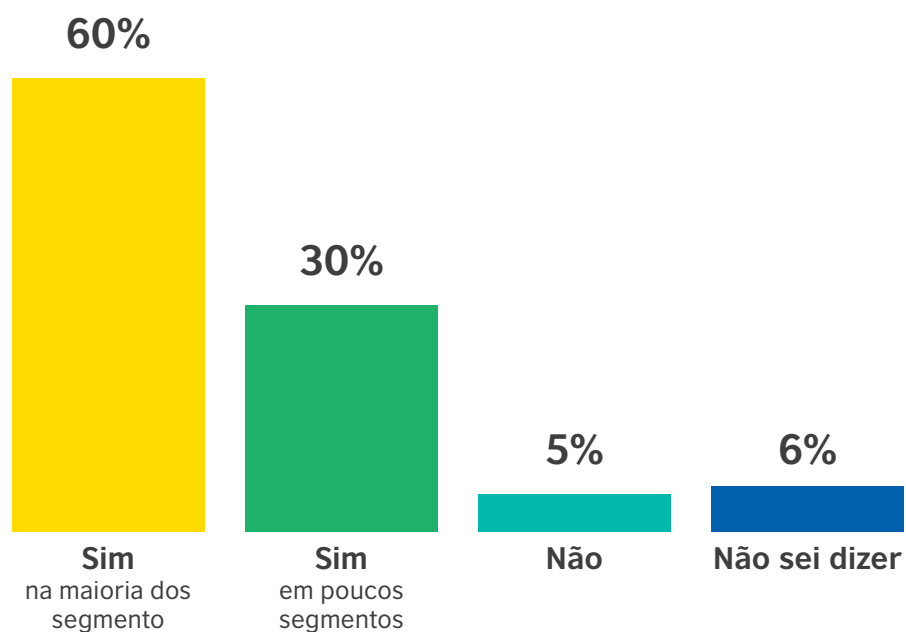
Os avanços, porém, não foram consistentes ao longo do tempo ou em todo o país. O setor ainda enfrenta desafios relevantes, como mostrou a série de entrevistas feitas para a pesquisa e detalhadas no relatório. Esses desafios tendem a se intensificar no curto prazo, mas, para muitos, a crise também apresenta uma oportunidade. Talvez estejamos em um daqueles raros momentos em que alternativas tantas vezes ignoradas no passado finalmente possam ter êxito. Quem sabe este seja o momento de, enfim, a cultura estar no centro das discussões.



Principais resultados

A maioria dos entrevistados apontou que há escassez de profissionais e jovens universitários adequadamente capacitados para trabalhar no setor cultural. Essas carências são ainda mais perceptíveis fora dos dois municípios mais populosos e de maior PIB do país, São Paulo e Rio de Janeiro.

O setor cultural tem escassez de profissionais capacitados?



Gestão engloba uma série de habilidades

Em relação às demandas de capacitação específicas do setor, a principal questão é a gestão. A preocupação com 'gestão' apareceu tanto na pergunta sobre as principais deficiências na formação de quem trabalha no setor como na que tentou identificar os tipos de profissionais que os entrevistados têm maior dificuldade de contratar.

Entender o que se quer dizer com 'gestão cultural' foi um dos pontos críticos da pesquisa. O termo apareceu desde o início do processo de entrevistas, frequentemente em respostas relativas aos principais problemas da cultura, independentemente de o entrevistado trabalhar no setor privado ou público, ou de ter mais ou menos contato com a área musical, as artes visuais ou as artes cênicas. O termo foi mencionado diretamente e também por meio de expressões afins, tais como 'planejamento', 'planejamento financeiro', 'produtor', 'produtor executivo' e 'diretor de produção'. Também estava por trás de frases como as que falavam da pessoa que 'põe o projeto de pé', que desenvolve o projeto 'do início ao fim' ou que tem uma 'visão global'.

Para tentar compreender melhor esse ponto, nos grupos focais dividimos as várias funções associadas a 'gestão' em três blocos

principais. Questões financeiras, administrativas e de planejamento apareceram no topo da lista. Elas envolvem captadores de recursos, produtores executivos, gestores públicos, produtores, prestação de contas, contadores especializados e administradores. O segundo bloco foi de comunicação: principalmente mídias digitais, assessoria de imprensa, marketing e produção de conteúdo. Todos os agentes realizam esses serviços com maior ou menor estrutura, mas, em geral, não se sentem satisfeitos com eles. Comunicação e divulgação de projetos, bem como assuntos financeiros e administrativos, recebem pouca atenção nos cursos que formam artistas. Por fim, houve uma série de questões ligadas a legislação: direitos trabalhistas, direitos autorais, seguros específicos e gestão de contratos. Alguns entrevistados afirmam que vários profissionais com quem trabalham não conhecem leis específicas de sua área. Outros, poucos, admitiram que eles mesmos não conseguem acompanhar todas as leis e regulamentações. Muitos produtores alegaram não ter orientações jurídicas suficientes que deem segurança ao projeto como um todo. *'O país não conta com uma área consolidada sobre direitos culturais, o que gera uma série de problemas. Muitos contratos ainda são feitos com base na palavra, na confiança, gerando insegurança jurídica'*, disse um produtor que atua em São Paulo.

Formação em artes não inclui gestão

No caso da formação artística, bons cursos de música, cinema, artes visuais e teatro são oferecidos nas principais universidades do país. Mas, muitas vezes, têm o objetivo de formar apenas o artista, músico, diretor ou ator. Não há ênfase na capacitação de profissionais para que sejam gestores e/ou produtores culturais. O foco é na linguagem artística. Alguns desses cursos, especialmente os oferecidos em universidades públicas, contam com professores experientes e na maioria das vezes são frequentados apenas por filhos da elite intelectual brasileira. Porém, alguns entrevistados apontaram que esse público não está interessado em considerar assuntos não artísticos como algo fundamental para seu trabalho. Embora esse tipo de pensamento esteja em declínio, ainda é perceptível. É comum que pessoas da área, com formação artística e humanista, considerem gestão e finanças como algo chato, difícil ou até mesmo inferior, desnecessário em sua formação. Há, no mercado atual, uma série de cursos não acadêmicos centrados nessas matérias, mas geralmente são criados para abordar habilidades mais imediatas e não têm continuidade.

O segmento de artes cênicas foi identificado como tendo uma demanda muito maior em termos de capacitação profissional em

comparação com outras áreas, tais como artes visuais, música e patrimônio. Não chega a ser surpresa: trata-se do segmento que tende a ser menos organizado enquanto negócio, que não recebe tanto apoio público – diferentemente de áreas como museus e patrimônio – e que foi afetado negativamente pelo advento de novas tecnologias. Ao contrário dos segmentos de audiovisual e música – que, embora também sejam afetados, ganham novas possibilidades no universo digital – as artes cênicas ainda dependem do contato direto com o público.

Habilidades técnicas estão em falta

A pesquisa também detectou uma carência de profissionais técnicos bem preparados. Nas artes visuais, o que mais apareceu na pesquisa foram as áreas de restauração, logística/transporte, montagem de exposições, cenografia, design de iluminação e curadoria. Nas artes cênicas, as áreas mais prementes incluem cenografia, iluminação, direção de palco, operação de vídeo e sonorização. No segmento de música, as maiores demandas dizem respeito a engenheiros de som, especialistas em instrumentos específicos (como afinadores de piano, na música clássica) e roadies. Para vários entrevistados, o principal problema é que a formação frequentemente é baseada apenas na prática, sem abordagem teórica estruturada.



Pesquisa identificou necessidade de capacitação transversal

A pesquisa também identificou algumas preocupações transversais: formação de público, acessibilidade e atualização tecnológica dos profissionais. As dificuldades na área de tecnologia apareceram em várias entrevistas e foram bem sintetizadas por um dos participantes: 'A tecnologia evolui muito rapidamente: o sujeito aprende hoje e em alguns anos já não é mais assim, mudou totalmente'. A necessidade de atualizar os profissionais que trabalham na área é uma preocupação até mesmo de agentes culturais ligados a grandes instituições: *'Já vi minha equipe ficar olhando meio que assustada os equipamentos que vêm junto com algumas produções'*, disse o diretor de uma das maiores redes de equipamentos culturais do país.

A questão da acessibilidade é um grande desafio para produtores e gestores culturais. O setor parece ter

uma grande disposição para atender da melhor maneira possível o público com necessidades especiais, mas faltam informações básicas para que isso gere ações concretas.

'Em acessibilidade, há muito a ser feito e nenhum profissional indicando os caminhos a serem seguidos', afirmou um entrevistado. A preocupação é ainda maior quando as fontes de financiamento, tais como leis de incentivo e editais, exigem que os produtores abordem questões relativas à acessibilidade. O fato de haver uma demanda jurídica reforça a necessidade de gestores e produtores encontrarem espaço em sua agenda para se informarem mais a respeito.

O tema da formação de público também é um desafio, principalmente nas artes cênicas, nas artes visuais e na música clássica. A questão está relacionada a políticas públicas – particularmente em educação, e os agentes explicaram que é necessário estimular o interesse pelas atividades culturais.



Conclusão

A investigação da escassez de mão de obra e das lacunas de formação no setor cultural deixou claro que, apesar do progresso obtido nos últimos 20 anos, ainda há uma enorme necessidade de iniciativas de formação e capacitação. O desafio, nesse ponto, foi identificar qual necessidade deve ser priorizada, de acordo com as demandas do setor.

Houve vários tópicos específicos que surgiram a partir da pesquisa como sendo áreas que deveriam ser incluídas em quaisquer programas de capacitação desenvolvidos pelo British Council no futuro. Os entrevistados se mostraram interessados em saber mais sobre políticas públicas, especificamente entender melhor como as atividades culturais são apoiadas pelo setor público no Reino Unido e em outros países – e como tais experiências podem ser adaptadas e apropriadas pelo mercado brasileiro. Um entrevistado do Rio de Janeiro comentou que uma troca de experiências com projetos direcionados a bairros mais pobres na Índia e na África do Sul, por exemplo, poderia ser útil para as instituições desses países e do Brasil. Esse tipo de diálogo poderia ajudar a promover um debate entre profissionais do setor e legisladores com mais conhecimento sobre as políticas internacionais. Os entrevistados também gostariam de entender melhor os indicadores culturais usados no Reino Unido, e como poderiam aproveitar esse aprendizado e aplicá-lo à situação brasileira, de forma a mensurar os avanços.

Há certa preocupação com a formação de público, principalmente em relação às artes visuais (museus e patrimônio), às artes cênicas e à música clássica. Esse tema tem três aspectos principais: a) o trabalho que as instituições (centros culturais, museus, teatros e orquestras) poderiam fazer em seus próprios espaços e programas para manter seu público-alvo e atrair novos públicos; b) ações que poderiam ser desenvolvidas pelo governo em um sentido mais amplo, a fim de facilitar o acesso da população a bens culturais, beneficiando toda a produção artística e todos os espaços culturais; c) a oferta de iniciativas de arte e cultura baseadas em ações artísticas durante o período de escolar.

A percepção foi de que talvez se possa fazer mais para conectar o setor cultural com outras áreas e, como resultado disso, fortalecê-lo. Uma das consequências da falta de melhores padrões de gestão é a dificuldade de o setor cultural interagir com outras áreas, como turismo, educação, ciência e tecnologia, exportação etc., e mesmo com áreas relacionadas ao governo, tais como legislação, questões trabalhistas, controle e finanças.

Vários produtores demonstraram interesse em saber mais sobre as leis que regem a área cultural no Reino Unido. Foram mencionadas leis trabalhistas e questões de direitos autorais, além de temas relacionados a transporte e importação e exportação de bens culturais. Há muito interesse em saber se e como outros países conseguiram criar uma estrutura jurídica tanto para o setor público como para o privado que seja capaz de dar conta de algumas das características da área, tais como os horários irregulares de trabalho (muitas atividades são realizadas à noite e aos fins de semana), os empregos temporários e a informalidade.

A capacitação na área de acessibilidade foi outra questão apontada entre as principais demandas. Vale ressaltar que os entrevistados abordaram o tema da acessibilidade como preparação dos espaços, materiais e desenvolvimento de serviços que permitam que pessoas com algum tipo de deficiência frequentem teatros, museus, exposições etc.

Algumas áreas-chave em que programas poderiam ser desenvolvidos incluem gestão cultural, cursos técnicos e oportunidades de relacionamento internacional e de compartilhamento de melhores práticas.

Cursos estruturados de gestão/ produção cultural: Há poucos cursos estruturados, que deem um panorama mais amplo da gestão cultural. As muitas iniciativas que surgiram nos últimos anos são cursos de curta ou curtíssima duração (de semanas, às vezes dias) e voltados principalmente a iniciantes. Produtores mais experientes praticamente não têm opções de curso à disposição.

Programas de bolsa/intercâmbio: Os profissionais que trabalham na área em geral carecem de intercâmbio com instituições e profissionais estrangeiros. A sugestão, aqui, é oferecer aos agentes culturais brasileiros a oportunidade de trocar experiências com seus colegas do Reino Unido e de outros países.

Cursos técnicos: Mesmo grandes instituições afirmam ter dificuldade de encontrar bons fornecedores em épocas de grande demanda no mercado.

Cursos técnicos de inglês, específicos para cultura: Não é incomum que profissionais da área cultural tenham dificuldade de entender termos específicos usados em produções culturais e/ou atividades de gestão cultural. A demanda existe em todo o setor cultural, mas apareceu com mais frequência na música e nas grandes produções de artes cênicas.

Gestão de festivais: O modelo de gestão que dá apoio aos festivais de música e artes cênicas no Reino Unido é muito admirado no Brasil. Apresentar esse modelo e estabelecer um intercâmbio entre eventos nacionais e britânicos ajudaria um nicho de mercado que tem se popularizado no Brasil, e permitiria que participantes do Reino Unido aprendessem sobre as formas de trabalho no Brasil que podem ser adotadas no Reino Unido.

Trabalhar internacionalmente: o Brasil tem uma produção cultural diversificada, mas não possui know-how consolidado para acessar mercados internacionais mais sistematicamente. A ideia é ajudar artistas e produtores brasileiros a entrar em contato com colegas de outros países.

Tradução de obras de referência: A maior parte da literatura da área em português foi traduzida do francês, do inglês americano e do espanhol. A tradução de obras do Reino Unido para o português daria oportunidade de gestores, acadêmicos e estudantes brasileiros terem acesso à literatura, em português, sobre gestão e produção cultural e economia criativa. As obras podem ser acadêmicas, ensaísticas ou técnicas.

Economia criativa: O conceito tem se disseminado no país, mas ainda falta conhecimento de metodologias

e experiências que possam impulsionar segmentos específicos.

Alguns entrevistados apresentaram recomendações mais gerais, sugestões transversais que deveriam ser seguidas por quaisquer programas desenvolvidos como resultado da pesquisa, independentemente da temática. Os programas precisam ser relevantes para as necessidades de produtores ou instituições de pequeno e médio porte, e não direcionados apenas a grandes organizações. Da mesma forma, não devem se concentrar no eixo Rio-São Paulo, mas também ser oferecidos em outras localidades. Os entrevistados ressaltaram, ainda, que projetos ou atividades devem estar em conexão com a realidade brasileira e que estudos de caso seriam relevantes. Além disso, os estudos de caso não devem mostrar apenas o resultado final, mas sim indicar como o projeto foi realizado, incluindo detalhes específicos sobre quantas pessoas estavam envolvidas, o que funcionou e não funcionou, etc. Por fim, também foi sugerido que materiais de qualidade sejam produzidos para acompanhar os programas e que os participantes possam levá-los para casa – em formato impresso ou digital – de forma que os conhecimentos sejam mais bem disseminados.

© **British Council 2016/G131**

O British Council é a organização internacional britânica para educação e relações culturais.

